

CAI A NOTA DO BRASIL

Rio — Pela primeira vez desde 1995 — quando começou a avaliar a classificação de risco do Brasil — a agência americana Fitch IBCA rebaixou o país. As dívidas de longo prazo em moeda estrangeira e nacional passaram, respectivamente, de B+ e BB- para B, enfatizando o risco especulativo. A empresa manteve, porém, em B a classificação para a dívida de curto prazo em moeda estrangeira.

Além disso, 16 bancos com atuação no Brasil foram rebaixados, passando de B+ para B, com observação negativa. São eles: Bandeirantes, Bilbao Vizcaya do Brasil, BMG, Boavista Interatlântico, Bradesco, CCF Brasil, Dibens, Banco do Brasil, Banespa, FonteCindam, Itaú, Real, Safra, Sul América, BCN e Unibanco.

Segundo a diretora da Fitch no Brasil, Lúcia Peralta, a reclassificação das instituições financeiras decorreu da nova nota dada ao Brasil. “O *rating* de crédito de um país ser-

ve de teto para a classificação dos bancos. Nenhum deles pode ter nota superior à da nação”, explica.

A decisão de rever o risco do Brasil foi tomada por dois motivos. Segundo Richard Fox, diretor da Fitch em Londres, um deles foi o temor de que a desvalorização do real e a livre flutuação do câmbio acabem produzindo uma inflação descontrolada. A outra é o receio de que o país acabe tendo que adotar novas medidas fiscais para ajustar suas contas.

“Achamos até que o próximo Congresso será bastante cooperativo, mas o problema é o timing dessas medidas”, diz Fox, que também acredita que o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) terá que ser revisto.

A empresa destaca, porém, que não crê em moratória das dívidas interna e externa. A análise ressalta que a desvalorização do real não resolverá a crise brasileira se não for acompanhada de um aperto nas políticas fiscal e monetária.